

## O significado do domingo

(Esquema resumido de uma palestra para sacerdotes)

Pe. Francisco Faus

### I. Origem e significado do domingo

1.1 Não há dúvida de que o domingo – “o primeiro dia da semana”, “o primeiro após o sábado” – tem como realidade de fundo os fatos e tradições pascais: Ressurreição e aparições de Cristo (vertente cristológica) e acontecimento de Pentecostes (vertente eclesiológica). Isso tudo marcou tão profundamente o domingo, que ficou sendo, desde as origens e para sempre, a celebração semanal do Mistério Pascal.

1.2 Nas primitivas comunidades cristãs, os elementos mais específicos do domingo foram: a celebração do memorial da Páscoa, a celebração da Eucaristia como acontecimento atualizador da Páscoa, a leitura da Palavra de Deus e a reunião de toda a comunidade cristã. O eixo do domingo primitivo, sem dúvida, foi a celebração da Eucaristia (Didaké, São Justino, Atas dos mártires de Abitene), em que Cristo ressuscitado se faz presente entre seus irmãos na fé e estes se encontram verdadeiramente com Ele – unidos – no sacramento. Sem Eucaristia, o domingo não existe. (Cf. J.A. Abad Ibáñez, *La celebración del misterio cristiano*, EUNSA, Pamplona 1996, pp. 501 ss.).

1.3 O Cristo Ressuscitado, além de tornar-se presente, entrega-se como “pão da vida” ou “antídoto para não morrer” (Santo Inácio de Antioquia), convertendo-se em penhor e antecipação da ressurreição dos cristãos.

1.4 Algumas expressões da patrística dos três primeiros séculos (cito apenas alguns exemplos):

a) “É o dia em que a assembléia cristã se reúne” (S. Inácio, S. Justino, Tertuliano);

b) Comemora-se nele o primeiro dia da Criação: quando *Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz se fez* (Gên 1,3);

c) É o dia em que se escuta a Palavra de Deus (S. Justino, Orígenes, Didaskália); unida à celebração da Eucaristia (Didaké, S. Justino, Traditio Apostólica, Didaskália, Orígenes), e, em relação com ela, é dia para a reconciliação (Didaké, Didaskália), etc, etc. (Ver a rica exposição do *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1166-1167; 1342-1347; 2174-2195).

d) Na Didaskália (séc. III), lemos: “No dia do Senhor, deixai tudo e zelosamente correi à vossa assembléia, porque é o vosso louvor a Deus. Caso contrário, que desculpa terão junto de Deus aqueles que não se reúnem, no dia do Senhor, para ouvir a palavra de vida e nutrir-se do alimento divino que permanece eternamente” (II,59,2-3). Cf. João Paulo II: Carta Apostólica *Dies Domini*, 31/5/98, n. 46.

1.5 Há um fato inegável e significativo: a Páscoa anual muito cedo se dissociou do dia 14 do mês judaico de Nissan, dia da Páscoa judaica (última Ceia), mas nunca do domingo, o que prova que a celebração do memorial da Páscoa (Eucaristia) pertenceu, como algo essencial, ao domingo primitivo (*Dies Domini, dies dominica* – dia do Senhor).

## **II. *Dies Domini* (Dia do Senhor):**

2.1 A Carta Apostólica *Dies Domini* (n. 18), fala da passagem do sábado para o domingo nos seguintes termos: «Aquilo que Deus realizou na Criação [os sete dias, que culminam no *sabbat*] e o que fez pelo seu povo no Êxodo, encontrou na morte e ressurreição de Cristo o seu cumprimento, embora este tenha a sua expressão definitiva apenas na *parusia*, com a vinda gloriosa de Cristo. Nele se realiza o sentido “espiritual” do sábado, como o sublinha S. Gregório Magno: “Nós consideramos verdadeiro sábado a pessoa do nosso Redentor, nosso Senhor Jesus Cristo”. Por isso, a alegria com que Deus, no primeiro sábado da humanidade, contempla a criação feita do nada, exprime-se doravante pela alegria com que Cristo apareceu aos seus, no domingo de Páscoa, trazendo o dom e a paz do Espírito. De fato, no mistério pascal, a condição humana e, com ela, toda a criação [...] conheceu o seu novo “êxodo” para a liberdade dos filhos de Deus [...]. Do sétimo dia passa-se ao primeiro dia: o *dies Domini* torna-se o *dies Christi!*».

## **III. *Dies Christi* (dia de Cristo): Cf. Carta *Dies Domini*, nn. 19 ss.**

3.1 Acabamos de ver o porquê dessa passagem de sábado para domingo. É o *dia do Senhor*, é o dia da *nova Criação*, pois a ressurreição é o início de uma *nova criação*, da qual Cristo glorioso constitui as primícias, uma vez que Ele é «o Primogênito de toda a Criação» (Col 1,15), e também o «primogênito dos que ressuscitam dos mortos» (Col 1,18).

3.2 Além disso, é o *oitavo dia*, o dia que vai além dos sete dias da semana que delimitam e enclausuram o tempo: está numa posição única e transcendente, evocadora não só do início do tempo (do primeiro dia da Criação), mas do seu termo e plenitude no “século futuro”: é o começo do “dia sem fim”, e orienta o cristão para a meta da vida eterna.

3.3 É também o dia de *Cristo-luz*. O dia do *fiat lux* – que, por seu lado, era o dia do sol para os pagãos (*Sunday, Sonntag*, p.e.) –, é o dia do verdadeiro Sol da humanidade, que Zacarias cantou no nascimento de João Batista (Lc 1,78). É o dia da ressurreição, dAquele que é a *luz do mundo*, o dia do *lumen Christi*, (há aí uma razão para valorizar a Liturgia da Palavra, *Luz para os nossos passos*, como diz o Salmo 119, 105).

3.4 É o dia do *dom do Espírito* [Pentecostes aconteceu no domingo], fruto do Sacrifício da Cruz, do mistério pascal re-apresentado na Eucaristia. Ao comungar, recebemos, com Cristo, o Espírito, *comemos fogo*, como dizia S. Efrém (Cf. Enc. *Ecclesia de Eucharistia*, n.17).

## **IV. *Dies Ecclesiae* (dia da Igreja)**

4.1 Na Carta *Dies Domini*, lemos: «...todos os que receberam a graça do Batismo não foram salvos somente a título individual, mas enquanto membros do Corpo místico, que entraram a fazer parte do Povo de Deus. Por isso é importante que se reúnam, para exprimir em plenitude a própria identidade da Igreja, a *ekklesía*, assembléia convocada pelo Senhor ressuscitado, que ofereceu a sua vida “para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (Jo 11,52). Estes tornaram-se “um só” em Cristo (Cf. Gl 3,28), pelo dom do Espírito. Esta unidade manifesta-se exteriormente, quando os cristãos se reúnem: é então que adquirem consciência viva e dão ao mundo testemunho de serem o povo dos redimidos...» (n. 31).

4.2 Como comenta J. A. Abad Ibáñez, na obra acima citada, já desde os inícios do Cristianismo, «reunir-se em assembléia não era uma questão pastoral, mas teológica [sublinhado nosso], pois se Jesus Cristo morreu para “reunir os filhos de Deus dispersos” (Jn 11,52), os novos filhos

de Deus tinham que manifestar ao mundo essa novidade, reunindo-se todos em comum. Daí a severidade com que a carta aos Hebreus admoesta os negligentes (Cf. Hebr 10,25: [*Não abandonemos as nossas assembléias, como alguns costumam fazer. Antes procuremos animar-nos mutuamente, tanto mais que vedes o dia aproximar-se*]).

4.3 «A Eucaristia nutre e plasma a Igreja» (Carta *Dies Domini*, n. 32). O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que «a celebração dominical do Dia e da Eucaristia do Senhor está no centro da vida da Igreja» (n. 2177).

4.4 A riqueza de significado da Missa dominical para os membros do Corpo místico justifica plenamente a insistência do Magistério na importância de conservar e viver o Domingo (recusando diversas propostas que solicitavam transferir o preceito dominical para outros dias da semana). Como diz Bento XVI, na Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis*, n. 73: «A fé cristã corre perigo quando se deixa de sentir o desejo de participar na celebração eucarística em que se faz memória da vitória pascal. A participação na assembléia litúrgica dominical, ao lado de todos os irmãos e irmãs com os quais se forma um só corpo em Jesus Cristo, é exigida pela consciência cristã. Perder o sentido do domingo como dia do Senhor que deve ser santificado é sintoma de uma perda do sentido autêntico da liberdade cristã, a liberdade dos filhos de Deus».

4.5 O teólogo Jean Daniélou, comentando o exemplo-paradigma dos primeiros cristãos, escreve: “Nada poderá atentar contra a participação na Eucaristia. Mesmo que algum dia um novo paganismo ou, digamos assim, uma organização mais racional da sociedade forçasse os cristãos, individualmente ou em grupo, a trabalhar durante o domingo, eles, como no tempo dos mártires, deveriam reunir-se antes do amanhecer para celebrar o memorial do Senhor” (*Le jour du Seigneur*, Paris 1948, p. 118, cit por Abad Ibáñez, p. 511).